

MULTICULTURALISMO E U-LEARNING: NOVAS PERSPECTIVAS PARA UMA ESCOLA ABERTA

por Antenor Rita Gomes* (UNEB)**, Josiane Bispo da Cruz Lima (UNEB)*** e Rodrigo dos Reis Nunes (UNEB)****

RESUMO

Este artigo propõe refletir como o multiculturalismo e a *u-learning* podem contribuir para a configuração de uma escola aberta, em que algumas questões como identidades e tecnologia digital móvel na era pós-colonial serão abordadas para instigar a necessidade de pensar em uma escola cada vez propícia para discutir e vivenciar a diversidade e desmistificar padrões educacionais hegemônicos e eurocêntricos. Para isso, utilizaremos a pesquisa bibliográfica que apresente teóricos que fundamentem a problemática em discussão, tais como Bruce (2009), Hall (2006), Lévy (1996), Santaella (2007), Woodward (2014), Moran (2013), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Multiculturalismo; u-learning; identidades; escola.

ABSTRACT

This work proposes to reflect how multiculturalism and u-learning can contribute to the configuration of an “open school”, where some issues such as identities and mobile digital technology in the post-colonial era will be approached to instigate the need to think of a school time propitious to discuss and experience the diversity, and to demystify hegemonic Eurocentric educational standards. For this, we’ll use the literature to present theorists to justify the issue under discussion, such as Bruce (2009), Hall (2006), Levy (1996), Santaella (2007), Woodward (2014), Moran (2013), among others.

KEYWORDS: Multiculturalism; u-learning; identities; school

* argomes@uneb.br

** Universidade do Estado da Bahia

*** Universidade do Estado da Bahia

**** Universidade do Estado da Bahia

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo inicia-se delineando a noção de diferença e diferença cultural enquanto construção a partir da perspectiva e do discurso do colonizador, que torna a identidade fixa, imposta pelo olhar do outro.

Com a fragmentação do sujeito pós-moderno e a subversão da ordem dos discursos, há o desenraizamento cultural que culmina com o descentramento das identidades que se tornam fluídas, cambiantes, num constante devir. Emerge assim um sujeito plural, contingente, apto a refazer e reedificar as identidades históricas herdadas, um sujeito multicultural que reconhece a diferença no interior da diferença que, para existir, precisa coexistir.

O multiculturalismo crítico pós-colonial considera o sujeito um ser híbrido que se faz e refaz por meio dos choques e entrechoques culturais. Nesse deslizamento reside a riqueza cultural, que se revisa e subverte o discurso colonial em oposição a naturalização das normas e diferenças que anulam o outro.

Com a globalização e a emergência da sociedade em rede, a cultura se amplifica em vários nós e conexões, proporciona a fluidificação da linguagem, esta transcende o escrito e torna-se leve, perambulante, imersa na cibercultura. Instaura-se uma forma diferente de pensar o mundo e as relações com o conhecimento e com a cultura, assim a prática educativa precisa incluir o letramento digital crítico e se abrir a outras possibilidades de aprendizagem.

O objetivo último deste artigo é pensar uma escola aberta que se expande a outros espaços de aprendizagem, articulando o multiculturalismo, a ubiquidade (*u-learning*) e os processos flutuantes de navegações informacionais, contemplando os saberes e experiências múltiplas permeadas pela tecnologia móvel.

Para contemplar a *u-learning* e o multiculturalismo, a escola precisa reinscrever sua importância social e possibilitar outras dimensões de aprendizagem, a qualquer hora, em qualquer lugar, à mão do sujeito pós-moderno. Uma aprendizagem que não segue padrões pré-fixados, mas que está numa contingência de saberes múltiplos para (retro)alimentar o *hub* num processo descontínuo e incessante.

2. DIFERENÇA E DIFERENÇA CULTURAL: ALGUMAS REFLEXÕES

“Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram”.

(CAMINHA, 1500, p. 128).

A presente epígrafe foi extraída da Carta de Pero Vaz de Caminha, documento considerado

canonicamente como marco da identidade brasileira ou ainda a certidão de nascimento do Brasil. Na carta, o escrivão trata detalhadamente sobre o “descobrimento” da Terra de Vera Cruz, relatando ao Rei Dom Manuel I as novas terras que havia encontrado, além dos costumes e presença dos “selvagens” no território.

Desde os primórdios, ficam expostas nesta e em outras definições e descrições uma ideia de representação do Brasil bastante pejorativa, carregada de símbolos negativos e de juízo de valor. Assim, o nascimento do Brasil enquanto território foi carregado de significados à luz da colonização. Definiram os nativos como o “outro”, o “estranho” em suas próprias terras, o “incivilizado” porque não cobriam *suas vergonhas*. Os sinais, gestos, olhares ou quaisquer manifestações foram interpretados e traduzidos linguisticamente à revelia do colonizado e esta ainda é uma da história contada e propagada acriticamente.

Essa “gente bestial e de pouco saber” (CAMINHA, 1500, p. 135) parece manifestar a vontade de “ser toda cristã” e “o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar essa gente” (*Idem*, p.140). Fica nítida a repulsa cultural, muito comum à concepção universalista de cultura, as várias impressões pouco positivas frente a esse embate de culturas que marcou a dominação desse território virgem, sedutor, rentável e “recém-descoberto”. O outro é visto como inferior, como alguém que precisa ser dominado, domesticado, civilizado. São bárbaros, selvagens, primitivos por não falarem a *sua* língua, não trajarem as *suas* roupas ou não possuírem os *seus* costumes. “A identidade é assim marcada pela diferença”. (WOODWARD, 2014, p. 9) Sob essa ótica a identidade é precisamente essencialista, una, fixa, autêntica, sem alterações.

Em se tratando da produção escrita, da carta, precisamos ainda considerar o enunciador, o seu discurso-poder. Para Foucault (2013) há mecanismos para controlar os discursos, determinar e impor aos indivíduos regras para funcionamento, sendo estas não acessíveis para todos, e assim completa:

Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala.” (p. 35).

O discurso-poder está assim centrado em um lócus, no colonizador. Assim as diferenças foram – ou ainda são? – fabricadas por meio de um discurso hegemônico, eurocêntrico que anula linguisticamente, mediante os seus escritos, qualquer contato cultural produtivo e ambivalente, visto que a identidade obtém sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos que representa.

Nesse discurso colonial reafirma-se a ideia de estereótipo, é como se a “civilidade” do português e a nudez dos índios não pudessem coexistir, a imposição cultural fixa a regra numa moldura.

Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade. (WOODWARD, 2014, p.9)

O discurso como qualquer produção de poder pode ser subvertido, desenraizado, desterritorializado, as identidades podem ser descentradas, as verdades desconstruídas, assim nasce o sujeito pós-moderno (HALL, 2006), o sujeito antes unificado se fragmenta e compõe-se de várias identidades transitórias, móveis. No mundo pós-moderno, as sociedades contemporâneas caracterizam-se pela diferença que é interpelada por infinitas divisões e contrastes sociais que delineiam diferentes posições do sujeito e de sua identidade. Emerge uma ética da contingência, do devir que focaliza a diferença de forma não essencialista, admitindo-a a partir das características comuns ou partilhadas, observando as mudanças do sujeito ao longo do tempo, do vir a ser. Para Hall (*op. cit.*), os sujeitos são capazes de se (re)colocar, (re)construir e transformar as identidades históricas, herdadas de um aparente passado em comum.

Para Derrida (*apud* SILVA, 2014), cada um carrega em si o traço da diferença, do outro. Retomando o exemplo da diferença e da diferença cultural, o autor acrescenta: “a declaração da identidade “sou brasileiro” (...) carrega, contém em si mesma, o traço do outro, da diferença – “não sou italiano”, “não sou chinês” etc. A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (da diferença)” (p.79). A diferença tem caráter constitutivo e divisivo, já que ao mesmo tempo te define momentaneamente e te separa, a identidade adquire um sentido híbrido, plural e versátil que contempla uma construção múltipla, diversa.

3. MULTICULTURALISMO E LINGUAGENS LÍQUIDAS: UMA VIÁVEL CONEXÃO

A quebra de tradição das narrativas consagradas ocasionou a ruptura das estruturas que congelam as identidades e não reconhecem as diferenças em seu próprio interior. O dinamismo, as sínteses culturais e a fluidez identitária dão espaço à eclosão do multiculturalismo crítico pós-colonial que considera a constituição dos sujeitos como híbridos, compostos de várias camadas que são oriundas das marcas, choques e entrechoques culturais (CANEN, 2007).

“E aquilo que nesse momento se revelará aos povos. Surpreenderá a todos não por ser exótico Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto. Quando terá sido o óbvio”. (VELOSO, 1998). Estes versos, extraídos da canção *Um Índio*, de Caetano Veloso, tratam da “aparição” de um “superíndio” que virá e inscreve o índio num tempo futuro quando a extinção indígena já aconteceu. Um dos aspectos mais reveladores dos versos enunciados está justamente na surpresa da revelação não mais por ser exótico, como foi anunciado na Carta de Pero Vaz de Caminha, mas sendo o óbvio que “estava” oculto. O autor desconstrói os imaginários do descobrimento e do “bom selvagem”, descoloniza o discurso das representações construídas historicamente sobre a identidade nacional através de uma subversão das palavras, a partir da contradição sugerida entre o oculto (identidade forjada pelo colonizador) e o óbvio (identidade erigida culturalmente). Há aqui uma revisão do discurso colonial e nacionalista

que se pretendia homogêneo e nulificador da diferença.

Com estratégias de descolonização dos discursos, as identidades plurais emergem para abarcar as minorias políticas que escaparam a representação, contemplando a pluralidade de culturas, raças, gênero, religiões, linguagem/discurso e saberes a fim de superar o exotismo, a folclorização ou sujeição de outrem. Nesta perspectiva, para Bauman (2005), o pertencimento e a identidade não são sólidos, mas sim negociáveis e revogáveis, o conceito de identidade é intensamente contestado, seu lar é um campo de batalha, assim “a identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa absoluta a ser devorado [...]” (p.84).

Para Canen (2007), o multiculturalismo crítico pós-colonial questiona e desafia a naturalização das normas e diferenças, na tentativa de construir identidades à luz da diversidade cultural, desconstruindo preconceitos, dogmas instituídos historicamente e verticalmente. É imprescindível restabelecer o discurso da diferença cultural com uma mudança de conteúdos e símbolos culturais, Bhabha (2013, p.276) enfatiza que “isto demanda uma revisão radical da temporalidade social na qual histórias emergentes possam ser escritas; demanda também a rearticulação do “signo” no qual se possam inscrever identidades culturais”.

O desenraizamento torna a diversidade conhecida nesses espaços híbridos de formação cultural, nesses entre-lugares (BHABHA, 2013), nessa intersecção do cotidiano com as diversas relações que o (re)compõe, há o colapso das velhas certezas e dos binarismos fundados historicamente e socialmente.

Para tanto, o multiculturalismo crítico pós-colonial pode ser a porta de entrada para a discussão e compreensão ampla dos problemas que coexistem no âmbito educacional, movendo preconceitos, estereótipos, essencialismos, na busca de respostas múltiplas, complexas e mutantes, próprias do mundo globalizado.

A contemporaneidade está entremeada por uma convergência de culturas e estilos de vida. Assim urge construir possibilidades de formação dos sujeitos críticos que questionem a própria identidade, se reconheçam plurais e se expandam à diversidade cultural.

A cultura contemporânea consiste em uma técnica de colagem/montagem, de bricolagens: representa a justaposição de elementos distintos e aparentemente incongruentes, o que também é uma forte característica do mundo digital e suas redes de comunicação. (CUNHA, 2012, p. 158)

Sob esta ótica, retomamos o conceito de rarefação de Foucault ao se referir à ordem do discurso. No espaço cibernético, há uma confluência de discursos, uma profusão de centros, de nós insurgentes que se articulam rizomaticamente nesse “espaço móvel das interações entre conhecimentos e conhecedores de coletivos inteligentes desterritorializados”, (LÉVY, 2014, p.29).

A sociedade em rede induz novas formas de transformação social e cultural, a cibercultura proporciona aos sujeitos a capacidade de desprender-se do local para se ligarem ao global (CUNHA, 2012, p. 159). A cultura ganha assim um olhar ilimitado, pois passa a contemplar uma infindável gama de expressões e representações e envolve o gosto das multidões invisibilizadas pela homogeneização cultural.

Esse conjunto de nós onde o curso se entrecorta, esse espaço impreciso e movente “favorece a inscrição de outros grupos e sujeitos coletivos no mapa cultural, a partir dos descentramentos dos impérios culturais e da visibilidade de novos contornos da cultura, de culturas consideradas periféricas por diversas épocas” (CUNHA, 2012, p. 162).

“Nas cartografias líquidas e invisíveis do ciberespaço” (SANTAELLA, 2007, p. 24) a linguagem fluidifica-se numa profusão de verbo, som, vídeo, imagens, diagramas, fotos etc. “Texto, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornam-se leves, perambulantes” (*Idem*). Não são mais estáveis, não tem suporte fixo, são voláteis e disformes, favorecendo a comunicação e a disseminação cultural em suas mais variadas formas, a linguagem media o sujeito.

Para Poster (*apud* SANTAELLA, 2007, p. 90), as redes planetárias de comunicação “produzem uma reconfiguração da linguagem, constituindo os sujeitos culturais fora do padrão do indivíduo racional e autônomo que deu sustento à noção de sujeito na era da cultura impressa”, na era das tecnologias digitais móveis tal noção é sobrepujada por uma acepção de sujeito múltiplo, descentrado, instável, onipresente.

O crescente uso das tecnologias nos diversos espaços sociais tem provocado a necessidade de uma ampla reflexão sobre suas potencialidades como uma tecnologia intelectual, principalmente se *linkarmos* com o multiculturalismo e estabelecermos um novo modo de pensar o mundo e de conceber as relações com o conhecimento e com elementos culturais, como sinaliza Pierre Lévy (2014).

A internet permite que qualquer pessoa, que a ela tem acesso, divulgue sua voz social publicamente, compondo uma nova malha social; os recursos oferecidos pela tecnologia de comunicação digital podem tanto mudar a sociedade, ampliando as possibilidades de acesso a grupos excluídos, como aumentar ainda mais a distância e a exclusão existente (BRAGA, 2009, p. 189). Assim é urgente a necessidade de práticas educativas abertas que favoreçam o letramento digital crítico, sendo capazes de fazer com que, nas palavras de Santos *apud* Rojo (2012), “o local contra-hegemônico aconteça globalmente”.

4. ESCOLA ABERTA: UM *HUB* AO MULTICULTURALISMO E À UBIQUIDADE

“Seres humanos, pessoas daqui e de toda parte, vocês que são arrastados no grande movimento da desterritorialização, vocês que são enxer-

tados no hipercorpo da humanidade e cuja pulsação ecoa as gigantescas pulsações deste hipercorpo, vocês que pensam reunidos e dispersos entre o hipercórtex das nações, vocês que vivem capturados, esquarterados, nesse imenso acontecimento do mundo que não cessa de voltar a si e de recriar-se, vocês que são jogados vivos no virtual, vocês que são pegos nesse enorme salto que nossa espécie efetua em direção à nascente do fluxo do ser; sim no núcleo mesmo desse estranho turbilhão, vocês estão em sua casa. Bem-vindos à nova morada do gênero humano. Bem-vindos aos caminhos do virtual!”

(LÉVY, 1996 p.150).

A consolidação cíclica de abordagem das temáticas relacionadas à educação tem trazido discussões seculares e que projeta ao embate (ou até dizer, combate) teórico de qual método ou pelo menos modelo se adequaria para um aprimoramento de práticas educacionais. Todavia, essa ciclicidade nos parece fazer reconhecer que grandes problemas que envolvem este campo são recorrentes, mesmo discutidos e vivenciados em contextos seculares distintos.

Contudo, não trazemos como propósito aqui um direcionamento a ações revolucionárias e descontextualizadas sobre como deveria ser a educação e, mais especificamente, a escola, uma vez que não é o intento desta proposta de escrita, como também não seria auspicioso desconsiderar todas as importantes conquistas e projeções educacionais que, dentro das incógnitas e devaneios que se arrastam pela educação durante muito tempo, tiveram êxito. O que pretendemos neste tópico é apresentar um panorama de possibilidades outras em que ocorre a aprendizagem, e como alguns fatores, ora negligenciados pela escola, podem ser levados em consideração.

Primeiramente, apresentamos uma conceptualização de *u-learning (ubiquitous learning)* como fundamento para possibilidades de aprendizagem que podem ocorrer em qualquer lugar e a qualquer momento. Para compreendermos melhor tal conceito, Bruce (2009) nos apresenta que a *u-learning* é muito mais do que uma ideia ou um método mais recente para a educação quando afirma:

Ubiquitous learning is more than just the latest educational idea or method. At its core the term conveys a vision of learning that is connected across all the stages on which we play out our lives. Learning occurs not just in classrooms, but in the home, workplace, playground, library, museum, nature center, and in our daily interactions with others. (p.30).

Uma vez que aprendizagem pode ocorrer em qualquer lugar e a qualquer hora, como assim salienta Bruce, a sala de aula não pode ser entendida mais como o único espaço em que se aprende e onde acontece a comunicação. Bruce ainda reforça que, ao identificarmos as novas tecnologias como úteis, certamente será mais fácil promover a *u-learning*.

Dessa maneira, as tecnologias ubíquas podem propiciar ferramentas significativas para que a aprendizagem (*anywhere/anytime*) ocorra. Esses aparatos, mais conhecidos como tecnologia móvel, são os grandes propulsores da *u-learning*, pois não necessitam, obrigatoriamente, de uma “permanent connection to physical networks”, possibilitando acesso a uma gama quase que infinita de informações e se constituindo a partir das características genuínas das ferramentas digitais móveis, tais como “[...] flexibility, cost, size, ease of use and timely application. The devices used include PDAs, mobile phones, portable computers and tablet PCs”. (JO; JONES, 2004, p. 469).

Ao visualizarmos os conceitos de aprendizagem apresentados acima, se faz oportuno, a partir de então, conduzirmos nosso olhar a idealizações de educação que configuram o cenário na contemporaneidade. Segundo Moran (2013, p.12):

A educação é um processo de toda a sociedade – não só da escola – que afeta as todas as pessoas, o tempo todo, em qualquer situação pessoal, social, profissional, e de todas as formas possíveis. Toda a sociedade educa quando transmite ideias, valores e conhecimento. Família, escola, meios de comunicação, amigos, igrejas, empresas, internet, todos educam e, ao mesmo tempo, são educados [...].

A partir dessa definição apresentada por Moran, a aprendizagem se alavanca em situações e contextos intrinsecamente ligados às atividades realizadas pelos indivíduos em seu dia-a-dia. Não há um organograma, pelo menos a grosso modo, que hierarquize ações, determinando se esta ou aquela proporcionará ou não aprendizagem. As multiplicidades de atos e as experiências interacionais e subjetivas que o indivíduo terá no espaço que ele atua diariamente são os subsídios fomentadores para que haja um significado e, conseqüentemente, algo assimilado a partir dessas experiências, resultando em aprendizagem.

Uma vez que a aprendizagem pode ocorrer em lugares diferenciados e a todo o momento, vemos a escola sendo definida como um dos múltiplos espaços em que é possível conceber o conhecimento. Saviani *apud* Lima Junior (2007, p. 26) define que:

A especificidade da educação escolar passa a ser o saber objetivo, que pressupõe a existência de um saber objetivo (universal), implicando a organização sequencial e gradual do saber disponível numa determinada etapa da história, visando sua transmissão e assimilação através da escolarização.

Do ponto de vista apresentado por Saviani, compreendemos a escola como um espaço onde se promove uma educação objetiva, sob um sistema sequencial, levando em conta os processos de assimilação, reproduzindo o conceito de escola na visão de Lima Junior (2007), quando ele informa que “a escola é, por conseguinte, a racionalização do trabalho educativo com vistas à transmissão/assimilação do saber sistematizado”. (p.27).

Torna-se de grande relevância, com isso, tentarmos compreender como se configura o real papel da escola na contemporaneidade, vista a importância de considerar os vários espaços em que é possível aprender, principalmente na era digital na qual vivemos. O saber objetivo mostra-se como elemento basilar do formato da escola nos dias de hoje e todos os outros caminhos e espaços de concepção de saberes diversificados parecem ser negligenciados pelos espaços educacionais formais da atualidade.

A escola se apresenta como uma instituição sistematizadora do conhecimento, relutando insistentemente contra a desestruturação dos padrões tradicionais que sustentaram os sistemas de ensino desde os séculos passados e até hoje tenta reproduzir valores bastante distantes do cenário que a sociedade atual tem vivido. Moran (2013, p. 12) reforça essa ideia quando nos apresenta que:

A escola precisa reaprender a ser uma organização efetivamente significativa, inovadora, empreendedora. É previsível demais, burocrática demais, pouco estimulante para os bons professores e alunos. Não há receitas fáceis nem medidas simples. Mas esta escola está envelhecida em seus métodos, procedimentos, currículos. A maioria das instituições superiores se distancia velozmente da sociedade, das demandas atuais. Elas sobrevivem porque são os espaços obrigatórios para certificação.

O grande desafio da escola é justamente essa reaprendizagem acerca de sua importância social, pois não é mais concebível a compreensão de uma instituição de ensino formal que não leve em consideração aspectos significativos da realidade dos sujeitos que são vivenciados em espaços externos a situações de aprendizagem que são oferecidas pela escola.

Com os dispositivos móveis, com as tecnologias da informação e comunicação (TIC), vemo-nos hoje flutuantes em navegações informacionais várias que já não esperam por fatores de estabilidade, linearidade e fluxos contínuos de conteúdos. Essa configuração coloca o sujeito contemporâneo entre devires constantes que já não podemos compreender um conceito de sociedade homogêneo, levando em conta os mais variados aspectos: cultural, racial, religioso, de gênero, dentre outros.

Essa ruptura da homogeneização social solidificada força a escola a levar em consideração aspectos do múltiplo e da diversidade tão presentes, porém tão negados como pauta de rediscussão e, principalmente, aplicabilidade dos sistemas educacionais que predominantemente são marcados por ideias elitistas e padrões homogêneos de classes dominantes. Canen (2007, p. 94) reforça que:

Ao lidar com o múltiplo, o diverso e o plural, o multiculturalismo encara as identidades plurais como a base de constituição das sociedades. Leva em consideração a pluralidade de raças, gêneros, religiões, saberes, culturas, linguagens e outras características identitárias para sugerir que a sociedade é múltipla e que tal multiplicidade deve ser incorporada em currículos e práticas pedagógicas.

O multiculturalismo se desdobra como outro elemento, além da *u-learning*, provocador da necessidade de pensarmos uma nova escola. Ao refletirmos, historicamente, sobre os modelos de currículo e do sistema escolar, podemos perceber que sempre carregaram padrões de estruturação a partir da visão de um grupo dominante, reproduzindo, para dentro da sala de aula, os preconceitos e formas estruturadoras estanques de como ensinar, sempre levando em consideração um “saber objetivo (universal)” que pouco conseguia representar as diversidades e particularidades de cada sujeito envolvido nos processos de ensino e de aprendizagem.

Nos dias atuais, a escola ainda reproduz esses modelos que se distanciam, perceptivelmente, da maneira como a sociedade tem experimentado os processos e recursos comunicacionais que podem propiciar aprendizagem. Dessa forma, somos seres da era digital e vemos uma sociedade líquida que se remodela e se modifica, mas ainda percebemos a escola aquém de uma reinserção como partícula essencial nesse processo.

Se a tecnologia é a própria sociedade, como nos diz Castells (2009), não podemos nos furtar de perceber que “nas cidades contemporâneas, os tradicionais espaços de lugar (rua, praças, avenidas, monumentos) estão, pouco a pouco, transformando-se em espaços de fluxos, espaços flexíveis, comunicacionais, lugares digitais” (LEÃO, 2004, p. 21) e a escola circunscreve-se neste espaço e não deve ficar avessa à incursão das novas tecnologias para proporcionar aprendizagens significativas.

Segundo Lucia Leão (2004), precisamos incorporar o olhar tríplice e perceber que o ciberespaço engloba as redes de computadores, as pessoas interconectadas e o espaço (virtual, social, informacional, cultural e comunitário) que aflora das inter-relações homens-documentos-máquinas. Além disso, precisamos considerar que não existe multiplicidade cultural e identitária apenas no ciberespaço, estas se constroem no fazer diário, em contatos subjetivos.

A juventude nascida na era digital, os nativos digitais, vivenciam intensivamente interações ciborgues entre homem *versus* máquina, proporcionadas principalmente pela emergência nas tecnologias móveis e da internet das coisas¹ instaurando qualitativas formas de aprender, educar, interagir e viver.

Os jovens são híbridos tecnoculturais, que possuem uma nova forma de existir (SALES, 2014), esses usos que fazem da tecnologia móvel conectada à internet, criam novos hábitos que são guiados e estimulados por este novo espaço e geram impactos na escola.

Desta forma, o conceito de “Escola Aberta” proposto nesse tópico não se apresenta como um método ou modelo a ser seguido. Compreendemos que, ao trazermos o multiculturalismo e a *u-learning* para a composição de uma nova escola, possibilitamos a quebra dos muros que aprisionam o conceito de aprendizagem atual vivenciado pelas instituições de ensino, visto que passamos a considerar a

¹ IoT – Internet of Things ou Internet das coisas é definida como a conexão com objetos inteligentes, que potencializam uma nova dimensão do processo de comunicação e estão disponíveis “anytime, anywhere, anymedia, anything” (TELEFÔNICA, 2014).

importância de relacionar outros valores vividos fora da escola para dentro dela e vice-versa, ou seja, já não haveria limitações e padronizações das abordagens trabalhadas, tampouco relevâncias apenas de grupos específicos.

Para isso, Moran (2013, p.13) nos mostra claramente percursos interessantes para uma educação mais inclusiva e inovadora e uma escola mais sensível às mudanças sociais:

Uma educação inovadora se apoia em um conjunto de propostas com alguns grandes eixos que lhe servem de guia e de base: o conhecimento integrado e inovador; o desenvolvimento da autoestima e do conhecimento [...]; a formação de alunos empreendedores [...] e a construção de alunos-cidadãos. São pilares que, com o apoio de tecnologias móveis, poderão tornar o processo de ensino-aprendizagem muito mais flexível, integrado, empreender e inovador. A escola pode abrir-se cada vez mais para o mundo, começando pelo seu entorno: abrir-se para o seu bairro, dialogando com as principais pessoas e com as organizações da região, abrir-se para os pais e para as famílias, trazendo-os para dentro, como aprendizes e colaboradores no processo de ensinar e aprender.

A educação inovadora apresentada por Moran leva em consideração aspectos vários que podem servir de base para a configuração de um espaço mais aberto de diálogo de aprendizagem. A *u-learning* possibilita a abertura de outras portas para trazer para escola e levar para fora dela os saberes múltiplos mediados pelas tecnologias móveis e de experiências das vivências dos indivíduos envolvidos. Burbules (2009, p. 22), sob o ponto de vista da *u-learning*, ressalva que as atividades escolares precisam mudar, afirmando que as fronteiras tradicionais de ensino precisam ser quebradas em ambas as direções: não enviado somente novas propostas como “atividades para casa”, mas trazendo também para a sala de aula atividades que possam envolver recursos e ferramentas de aprendizagem que geralmente não são encontradas nas escolas.

Já o multiculturalismo mostra-se como um caminho na área educacional que busca fornecer a quebra de

campos disciplinares de fronteiras rígidas, mas, ao contrário, exigem respostas elas próprias complexas, mestiças, híbridas, que atravessam tais fronteiras, construindo redes que desafiam noções essencialistas de cientificidade. [...] O objeto por excelência [do multiculturalismo] por excelência é o desafio a preconceitos, a visões essencializadas e homogeneizadas das identidades e das diferenças e a discursos que as constroem, no âmbito das relações sociais e educacionais, certamente sínteses criativas a partir de olhares plurais só têm a contribuir no caminho da construção de alternativas educacionais propiciadoras da

formação de gerações abertas à diversidade cultural, e desafiadoras de congelamentos identitários e preconceitos. (CANEN, 2007, p. 101).

A escola abre-se então para trazer para si e dela para fora um leque de possibilidades discursivas e práticas de promoção de saberes múltiplos e significativos que se configuram como um *hub*, confluindo e divergindo as interconexões de saberes e as experiências que se entrelaçam por caminhos líquidos, metamórficos e instáveis. A *u-learning* e o multiculturalismo se constituem fios de conexão para alimentação desse *hub* que recebe as informações, processa-as e ao mesmo tempo redistribui sob uma nova demanda permanente com outros elementos de saberes que o alimenta.

Numa perspectiva prática, é necessária uma reestruturação curricular, dos sistemas educacionais vigentes e de aperfeiçoamento profissional docente. Para além disso, as tecnologias móveis que são usadas naturalmente por grande parte dos jovens e adolescentes da contemporaneidade se constituem como ferramentas significativas de troca de informação. A escola precisa estar aberta para dialogar com estas linguagens e espaços, a fim de diversificar as possibilidades de aprendizagem e, conseqüentemente, ater o interesse e o gosto do aluno em permanecer na escola e explorá-la. Santaella (2013, p. 291) reforça tal necessidade quando pontua que:

Processos de aprendizagem abertos significam processos espontâneos, assistemáticos e mesmo caóticos, atualizados ao sabor das circunstâncias contingentes. O advento dos dispositivos móveis ativou esses processos, pois, graças a eles, o acesso à informação tornou-se livre e contínuo, a qualquer hora do dia e da noite, trazendo gratificação instantânea. [...] Os artefatos móveis evoluíram nessa direção, tornando absolutamente ubíquos e pervasivos o acesso à informação, a comunicação e a aquisição de conhecimento.

A discussão sobre multiculturalismo a partir de uma visão não meramente folclórica pode ajudar a trazer para o seio das práticas docentes e significações dos processos de aprendizagem na escola a diversidade e a valorização das identidades múltiplas constantes nas mais variadas representações sociais, sem exigir para tal um modelo padronizado que deva ser seguido pelos sujeitos de um determinado grupo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao expormos discussões tratadas aqui e que são de extrema relevância tanto para a esfera social e cultural quanto para a educacional, utilizamos de recortes das temáticas abordadas para fomentar a reflexão acerca de uma escola mais dinâmica e diversa que retrate e desdobre os valores de espaços múltiplos nos quais vive hoje a sociedade contemporânea.

Multiculturalismo, *u-learning*, identidades e educação formam o arcabouço de proposição para uma escola sensível às mudanças sociais proporcionadas pela pós-modernidade que passa a pensar nas diferenças dentro das diferenças e conecta o conhecimento aqui e acolá rapidamente em situações atemporais e, geograficamente, traz a informação/comunicação do tão distante para tão próximo e vice-versa.

A reflexão acerca dos padrões culturais hegemônicos e a comunicação ubíqua proporcionada pela tecnologia móvel surgem para atizar uma indagação sobre a mudança quanto a real função da escola e abre os portões das instituições de ensino para a entrada de várias realidades das comunidades, como também propicia que os muros das escolas se destroem para levar a sua significância para os espaços socioculturais, ou seja, uma troca recíproca, múltipla e aberta de mudança dos processos de aprendizagem.

O presente artigo trouxe considerações sobre a necessidade de uma escola aberta que se instaure a partir da escuta sensível das várias vozes que compõem os espaços dialógicos sociais pós-coloniais em que há comunicação, informação e aprendizagem, viabilizados pelas diferenças e tecnologias móveis.

REFERÊNCIAS

Bauman, Zigmund (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Bhabha, Hommi K. (2013). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Braga, Denise Bértoli (2009). Práticas letradas digitais: considerações sobre possibilidades de ensino e de reflexão social crítica. In: RODRIGUES JR, Adail S. (Org.) *Internet e Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Ed. Singular.

Burbules, Nicholas C. (2009). Meanings of “ubiquitous learning”. In: Cope, B.; Kalantzis, M. *Ubiquitous learning*. Chicago: University of Illinois Press.

Bruce, Bertram C. (2009). Ubiquitous learning, ubiquitous computing, and lived experience. In: Cope, B.; Kalantzis, M. *Ubiquitous learning*. Chicago: University of Illinois Press.

Caminha, Pero Vaz de. (1994). *Carta de Pero Vaz de Caminha (1500)*. In: Cortesão, J. A expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil. Lisboa: IN/CM.

Canen, Ana. *O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação*. Disponível em: <http://www.cebela.org.br/imagens/materia/02ded04%20ana%20caren.pdf>. Acessado em 10 de outubro de 2014.

Castells, Manuel; Fernández-Ardévol, Mireia; Qiu, Jack Linchuan; Sey, Ara (2009). *Comunicação móvel e sociedade: uma perspectiva global*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cunha, Úrsula Nascimento de Sousa (2012). Ciberultura e as identidades líquidas: reflexão sobre a cultura na era das novas tecnologias. *Pontos de interrogação*, 2 (2), p. 157-170.

Foucault, M. (2013). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.

Hall, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.

Jo, Jun H.; Jones, Vicki. *Ubiquitous learning environment: An adaptive teaching system using ubiquitous technology*. Disponível em: <http://www.ascilite.org.au/conferences/perth04/procs/pdf/jones.pdf>. Acesso: em 09 de dezembro de 2014.

Telefônica, Organização Fundação (2014). *Juventude Conectada*. São Paulo: Fundação Telefonica.

Leão, Lucia (Org.) (2014) *Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Annablume.

Lévy, Pierre (2014). *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 9ª ed. São Paulo: Loyola.

_____ (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.

Moran, José Manuel; Masseto, Marcos; Behrens, Marilda (2013). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21.ed. São Paulo: Papirus Editora.

Lima Junior, Arnaud Soares de (2007). *A escola no contexto das tecnologias de comunicação e informação: do dialético ao virtual*. Salvador: Eduneb.

Rojo, Roxane (2012). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola editorial.

Sales, Shirlei Resende (2014). Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do ensino médio. In: Dayrell, J. et al. *Juventude e Ensino Médio*. Belo Horizonte: UFMG, p. 229 – 249.

Santaella, Lucia (2013). *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus.

_____ (2007). *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus.

Silva, Tomaz Tadeu da (2014). A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 73-102.

Veloso, Caetano (1998). *Um índio*. Vinte músicas do século XX: Caetano Veloso. São Paulo: PolyGram (CD).

Woodward, Kathryn (2014). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 7-72.

Recebido em: 31/08/2015

Aceito em: 21/09/2015